

SALVOS PELA EXPERIÊNCIA DO CONHECIMENTO DE DEUS!

Alguns pontos de reflexão para uma possível
Teologia Salvatoriana da Salvação a partir de Jo 17,3.

Paulo José Floriani SDS

Esta reflexão pretende oferecer algumas chaves de leitura que possam ajudar na busca por se alcançar certo grau de compreensão de como a mensagem da salvação vem expressa na Declaração Conjunta da Família Salvatoriana. Trata-se de estabelecer alguns pontos comuns que nos ajudem a compreender no hoje de nossa vida salvatoriana a herança recebida de nosso Fundador, Pe. Francisco Jordan, quanto a esta mesma mensagem salvífica da qual somos portadores; bem como esta mensagem deve fazer parte de nossa vida de Família e apostolado salvatoriano no mundo de hoje.

Aventurar-se em buscar estabelecer uma “Teologia Salvatoriana da Salvação” é um trabalho árduo e exigente. Não se pode supor que nestas poucas linhas que limitam este exercício esteja findado ou de todo resolvido. Exigirá o esforço, a pesquisa, o aprofundamento e a capacidade de discernimento de muitos salvatorianos e salvatorianas que amem o Carisma e a força originária da nossa forma de ser e de estar presentes na Igreja. Por esta razão, o que aqui pretendo nada mais é do que lançar alguns fundamentos sobre os quais poderá estar alicerçada uma faceta desta busca por aprofundamento, bem como provocar o debate sobre esta dimensão essencial de nossa herança. Estas interrogações ou intuições merecem uma contínua reflexão e cuidado teológico, de modo a poder colaborar com nosso crescimento como Família Salvatoriana.

1. Um texto inspirador: Jo 17,3. Conhecer a Deus é fonte de salvação.

Ao olharmos para a Declaração da Família Salvatoriana, nosso material direto de análise, logo no Prefácio, encontramos com o apelo: *“Enquanto ainda houver sobre a terra um único ser humano que não conhece a Deus e não O ama sobre todas as coisas, não poderás sossegar um instante sequer.”* (Cf. DE II/1) Este conhecido texto do Diário Espiritual de nosso Fundador, estabelece uma relação intrínseca entre a nossa presença na Igreja e a missão de levar todos os seres humanos ao conhecimento do verdadeiro Deus e seu enviado, Jesus Cristo (Jo 17,3). Esta citação abre o Primeiro Capítulo da referida Carta, onde encontramos expressado nosso Chamado e Carisma. Já no primeiro artigo se nos é dito: *“Movido por uma profunda experiência de Deus, pela situação da Igreja e pela realidade de seu tempo, Pe. Francisco Maria da Cruz Jordan foi tomado por um urgente desejo de que todas as pessoas conhecessem o Deus único e verdadeiro e, em Jesus, o Salvador, experimentassem vida em abundância.”* Assim sendo, parece-me impossível iniciarmos um discurso sobre a busca de estabelecer parâmetros de interpretação de uma Teologia da Salvação para nós, Família Salvatoriana, que não parta do aprofundamento do significado profundamente salvífico presente neste conteúdo do conhecimento de Deus. Honestamente acredito que não chegaremos nem mesmo a uma noção mais clara de nosso Carisma se não partirmos disto. Portanto, nestas linhas, proponho-me a lançar alguns pontos que iniciem uma reflexão sobre o conhecimento de Deus como base para o estabelecimento de uma Teologia Salvatoriana da Salvação.

2. Conhecer o único e verdadeiro Deus como experiência fundamental.

Ainda que muita discussão possa ser estabelecida sobre a importância de determinados textos bíblicos para a compreensão de nosso Carisma, é inegável o papel e o lugar que o texto de Jo 17,3 ocupa entre eles. Por todos os cantos vemos ressoar e ser repetido este

versículo bíblico como marca fundamental dos inícios da obra apostólica de P. Francisco Jordan e de nosso ser Família Salvatoriana. Nele vemos expressada a íntima relação entre vida eterna e conhecimento do único e verdadeiro Deus e seu enviado Jesus Cristo.

Inserido no conjunto da Oração de Jesus, na hora da entrega total e absoluta por amor aos seres humanos, releva que a plenitude da vida é dada através do conhecimento profundo do Pai e de seu enviado. O conhecimento do qual nos fala João, não está inserido no plano de teorias, doutrinas ou explicações racionais sobre quem é o único e verdadeiro Deus¹, mas de uma profunda experiência de encontro pessoal com o Senhor da vida e da história. Somente partindo de um encontro real e profundo, fundado num amor² que implica uma relação com o Senhor da História e com a mensagem e o testemunho de seu enviado, Jesus, poderemos compreender o sentido mais profundo, amplo e verdadeiro da vida.

Ou seja, a base do conhecimento não está enquadrada, num primeiro e decisivo momento, no plano das ideias, mas no plano da experiência fundamental. De maneira muito insistente, o Papa Francisco nos lembra de que esta experiência pessoal de encontro com o Salvador, com a sua amizade e com a certeza de sermos salvos por Ele, faz jorrar alegria no coração e a firme decisão de sempre avançar. Assim, a constante renovação desta experiência fundamental nos leva a perceber que “...*não é a mesma coisa ter conhecido Jesus ou não O conhecer, não é a mesma coisa caminhar com Ele ou caminhar tateando, não é a mesma coisa poder escutá-Lo ou ignorar a sua Palavra, não é a mesma coisa poder contemplá-Lo, adorá-Lo, descansar n’Ele ou não poder fazer.*”³ É algo tão marcante, pessoal, vivencial e transformador, que nos faz sentir constantemente a presença do Mestre na própria existência, como um companheiro de jornada pelas estradas da vida.

Realizar esta experiência de encontro com Jesus torna-se premissa fundamental para poder estabelecer uma relação de intimidade com Ele e não ser seu seguidor apenas por ter ouvido falar Dele, tal como na experiência relatada pelo povo da cidade onde a Samaritana anuncia sua experiência de encontro com o Senhor. Ela permite a confissão de fé: Ele é o Salvador do mundo! (Jo 4, 28-42)

Um primeiro ponto fundamental para se estabelecer a perspectiva salvífica de nossa ação salvatoriana se encontra nesta capacidade de permitir que todas as pessoas que se encontram conosco possam encontrar-se com a pessoa de Jesus, fazendo a experiência fundante de poder dialogar com o Mestre e escutar sua palavra. Contudo, para poder fazer isto, antes de qualquer coisa, pede-se que nós sejamos capazes de haver nos encontrado existencialmente e não apenas teoricamente com o Salvador, realizando a experiência de havermos sido salvos por Ele, mergulhando, como dizia nosso Fundador, “*no oceano do*

¹ MASHILA, Ir. Justine Mbuyi. “*La nozione salvatoriana della salvezza nel contesto de Giovanni 17,3*”. In: Elementi Chiavi Salvatoriani 2, p. 54. Quanto a este ponto ver também QUEIRUGA. A.T. *Recuperar a Salvação*, p.13. O autor lembra que nos momentos decisivos as ideias a respeito da transcendência da Palavra de Deus devem ser abandonadas para que se possa entrar no campo das crenças, ou seja, dos princípios fundamentais que determinam nossas opções. Comblin nos lembra de que para além do discurso filosófico e científico do acesso ao conhecimento de Deus, marcado pela lógica e pelo conceito formalmente estabelecido, existe o conhecimento da vida. Este último é sintético, integral, livre, narrativo e, acima de tudo, um conhecimento vital. Em outras palavras, experiencial. Cf. COMBLIN, J. *Vocação para a liberdade*, p.58-62. Afinal de contas o evento encarnação não é uma teoria abstrata mas um fato histórico concreto que faz com que nós confessemos que conhecemos a Deus reconhecendo-o encarnado na pessoa humana de Jesus – Cf. LA PEÑA, J.L. *Criação, Graça, Salvação*, p.52.

² *Tradução Ecumênica da Bíblia*, p.2083, nota w.

³ PAPA FRANCISCO. *Evangelii Gaudium*, 266. Quanto a este ponto ver também os n. 01.03.04.264.

amor de teu Deus” (cf. DE I/150*) Todos nós, membros da Família Salvatoriana, podemos afirmar e recuperar em nossa vida esta experiência fundamental que é base da salvação?

3. Uma experiência de encontro com a alteridade que gera processo

O encontro existencial entre duas pessoas se dá na liberdade. Da mesma forma o encontro entre o ser humano e Deus. Bem afirma La Peña que “...*crer e fazer a experiência da liberdade são uma mesma e única coisa*”.⁴ Na liberdade se estabelece a relação de reciprocidade entre a divindade e a humanidade, um tu a tu que aproxima e comunica⁵. Deus olha para o humano, ser criado no e por amor, e encontra nele seu interlocutor livre e responsável por suas escolhas, capaz de dizer não ao próprio Criador, estabelecendo com Ele um diálogo de liberdades. Deposita neste humano a esperança de que se torne co-criador, responsável pelo destino do criado⁶. O ser humano olha para Jesus e encontra Nele um modelo inspirador que lhe permite compreender-se a si mesmo, afinal Deus ao se revelar permite que sejamos capazes de reconhecer melhor quem nós somos, pois a revelação de Deus sempre se refere às realidades do ser humano⁷, afinal Deus se nos revela revelando-nos a nós mesmos.⁸ Não é por esta mesma razão que o Divino Salvador é o centro de nossa vida como salvatorianos, o modelo inspirador e a razão de ser de nossa presença no mundo? A primeira parte do artigo 10 da Declaração afirma: “*Nossa espiritualidade individual e comunitária, vivida na realidade do mundo, se fundamenta em nossa experiência de Deus Pai. Jesus Cristo, que veio para dar a vida por todos, é fonte e centro de nossa espiritualidade.*” Claramente expressado: nossa experiência de encontro, livre e consciente, faz com que Jesus se torne o centro e modelo inspirador de nosso ser e agir.

Ao fixarmos nosso olhar em Jesus que nos olha, deixamo-nos transformar por este olhar e descobrimos um *duplo movimento divino* que nos salva: Deus desce, vem a nós, quer comunicar-se conosco, toma a iniciativa na sua graça amorosa, não para nos deixar onde nos encontramos, mas para nos fazer subir. Ou seja, Deus vem a nós para nos levar a Ele, para avançarmos rumo ao que podemos chegar a ser se Ele se torna o centro e o Modelo. Este movimento de subida é o encontro com a vida plena que o Salvador nos anuncia e nos doa com sua mensagem e testemunho, é a vida eterna. A salvação é alcançarmos a plenitude do que podemos ser como humanos, inspirados em Jesus Salvador.⁹ Proponho de maneira muito simples, verificar dois exemplos bíblicos deste duplo movimento divino: a libertação do Egito e a Encarnação.¹⁰

No Livro do Êxodo, quando Deus chama Moises para colaborar com o projeto de libertação do povo escravizado no Egito, é bastante sugestiva a fórmula textual utilizada: “*Eu vi, eu vi a miséria do meu povo que está no Egito, ouvi seu grito por causa de seus opressores, pois eu **conheço** as suas angústias. Por isso **desci** a fim de libertá-lo da mão dos egípcios, e para **fazê-lo subir** desta terra para uma terra boa e vasta...*”¹¹ É muito interessante o movimento que Deus quer instaurar, por conhecer a situação deste povo,

⁴ LA PEÑA, J.L.R. *op. cit.*, p.48. Ver também p.46.

⁵ Idem, p.35.53.59.

⁶ SEGUNDO, J.L. *Que mundo? Que homem? Que Deus?*, p.477 e *Libertação da Teologia*, p.168.

⁷ Idem. *O Dogma que Liberta*, p.134.

⁸ Cf. QUEIRUGA, A.T. *A revelação de Deus na realização humana*, p.10.

⁹ LA PEÑA. *op.cit.*, p.10.14.60-61. Conferir também: DE MIER, F. *Salvados e Salvadores*, p.216-217; LADARIA, L.F. *Jesucristo, salvación de todos*, p.15-16.25-26.

¹⁰ Acredito que este seja um tema que precisa continuar a ser estudado e aprofundado, podendo muito nos inspirar na compreensão de nosso ser e agir como salvatorianos.

¹¹ Cf. Ex. 7-8b. Sigo o texto da Bíblia de Jerusalém. Grifos meus.

com a colaboração de Moisés. Não trata de uma ação interventiva pura e simples. Trata-se de um descer que faz subir. Ainda que aqui possa parecer, num primeiro momento, uma subida sociológica – de uma terra para outra –, a **experiência** da mesma mostrará que se trata de uma subida muito mais profunda: o caminho de constituição de um povo verdadeiramente livre, ao redor da Lei e da Palavra do Senhor.

Na mesma perspectiva, na dinâmica da encarnação, tal como nos apresenta o apóstolo Paulo, Jesus se rebaixa, desce até nós, assumindo a condição de escravo, tornando-se semelhante aos humanos, até a cruz. Por esta **descida**, Deus o **eleva**, tornando-o Senhor, diante do qual todo joelho deve dobrar-se.¹² Por haver descido e assumido nossa natureza, escravizada pelo pecado e pela limitação, e sido obediente até a morte de cruz, Jesus é elevado como primeiro de todo humano que crer. Em Jesus, a subida é mais do que nunca uma subida antropológica, de um modelo de humanidade. Jesus se torna para nós um modelo do que nós seres humanos podemos vir a ser, se assumimos as consequências deste encontro experiencial com ele e adentramos o caminho da salvação, chegando ao coração de Deus.¹³

4. Uma experiência que nos lança na aventura processual de crescimento

A consequência imediata deste encontro transformador com Deus, mergulhando na experiência de seu amor, numa relação livre e envolvente, reconhecendo o duplo movimento de seu agir salvador, é o colocar-se na dinâmica do constante crescimento, de modo a buscar chegar a ser o melhor de nós mesmos. A dinâmica de subida exige um esforço constante de confrontação com o único e verdadeiro Deus¹⁴, com a devida superação de nós mesmos.

O primeiro esforço a ser empreendido é o de superar a autorreferencialidade deixando que Jesus seja a referência e o modelo inspirador, algo muito conhecido de todos nós membros da Família Salvatoriana. Como bem o expressa o papa Francisco, neste encontro livre entre Deus e o humano, “... é que somos resgatados de nossa consciência isolada e da autorreferencialidade. Chegamos a ser plenamente humanos, quando somos mais do que humanos, quando permitimos a Deus que nos conduza para além de nós mesmos a fim de alcançarmos o nosso ser mais verdadeiro.”¹⁵ Caminharmos para a consolidação da humanidade sonhada por Deus, formando-nos constantemente na confrontação com nosso modelo, é o processo a ser instaurado, a exemplo do processo vivido pelos apóstolos. Esta dinâmica da formação-ação missionária vivida pelos apóstolos com o Mestre Jesus, não é a que nos é proposta como modelo para a nossa formação hoje como discípulos do Salvador e como apóstolos e apóstolas no mundo atual? Assim, nesta comunicação constante e vital, o homem adão encontra-se com o homem Cristo, e nasce a possibilidade da superação constante da estrutura adâmica do humano em busca de seu destino crístico¹⁶, superando-se constantemente no tempo que o limita e exige capacidade de

¹² Cf. Fl 2,6-11.

¹³ *Evangelli Gaudium*, n.178

¹⁴ Esta definição de um único e verdadeiro Deus também exigiria uma estudo a parte que muito pode contribuir para a compreensão salvífica desde uma perspectiva salvatoriana.

¹⁵ *Evangelli Gaudium*, n.08. Esta consciência do processo de crescimento pessoal nascido do encontro com Jesus perpassa toda a Encíclica, basta conferir os números: 11.151.153.160.161.171 e 203. Vale a pena também ressaltar a perspectiva do processo a ser instaurado neste crescimento – vide números 222-224 (onde se instaura a consciência do tempo como superior ao espaço, pedindo-nos a capacidade de gerarmos tempos de processo) e a necessidade de superar as limitações e conflitos que são inerentes à nossa própria humanidade – vide números: 226-230.263.277.

¹⁶ LA PEÑA, *op.cit*, pp.35-36. 49. Quanto a este ponto ver também: DE MIER, F, *op. cit*, p.96-97.

transcendência. A partir do momento que conhecemos a Deus e entramos em sua dinâmica de subida, assumimos que somos seres em contínua formação, em constante superação, em busca de crescimento. Este processo é a salvação, pois nele somos convidados a entrar numa dinâmica de aprendizado até atingirmos a maturidade da fé¹⁷. A salvação, assim, não é apenas um momento único e dado de uma vez por todas. Ela é um processo instaurado pelo encontro com o Salvador que nos chama a entrar na dinâmica da salvação, superando-nos constantemente.¹⁸

5. Concluindo uma etapa do trajeto

Se estiver certo o que buscamos expressar nestas breves linhas, da maneira mais profunda possível a partir da limitação histórica que nos caracteriza como seres humanos, chegamos apenas ao fim de uma etapa do trajeto que precisamos trilhar para encontrarmos-nos com uma Teologia Salvatoriana da Salvação.

Não fizemos nada mais do que traçar um possível perfil de um trajeto que merece continuamente ser trilhado, visitado e revisitado. O que nos importa é aprofundar a consciência de que a salvação, a partir do texto de Jo 17,3, enquanto conhecimento experiencial de encontro com o único e verdadeiro Deus exige de nós a apaixonante, arriscada e instigante aventura de adentrarmos a própria dinâmica salvífica de Deus, num constante processo de aprendizagem.

A aventura da busca por aprofundar a relação entre a salvação e nosso Carisma está lançada. Que cada vez mais membros da Família Salvatoriana se aventurem por este caminho e nos ajudem a crescer na consciência da beleza e da centralidade desta mensagem.

Questões para reflexão

1. Releia a Declaração da Família Salvatoriana à luz deste artigo.
 - a. Observe as palavras e frases que chamam à sua atenção e pergunte-se: “O que elas estão dizendo a mim e como posso responder?”
 - b. Quais seriam as implicações para a Família Salvatoriana na sua parte do mundo, e/ou no mundo todo?
2. À luz deste artigo, se você fosse rever a Declaração da Família Salvatoriana, o que você acrescentaria ou mudaria?
3. Como membro da Família Salvatoriana, identifica você em sua vida esta experiência transformadora, de encontro com Deus?
4. Tomando como base o artigo, que elementos permitem você reconhecer ao Divino Salvador como centro de sua vida?
5. As reflexões anteriores, a que impulsionam a você na sua missão salvatoriana?

BIBLIOGRAFIA

- AA.VV. *Elementi chiavi Salvatoriani*. Numero due. Kraków-Roma, 2006.
- COMBLIN, José. *Vocação para a Liberdade*. Paulus, São Paulo, SP, 1998.
- DE MIER, Francisco. *Salvados e Salvadores*. Teología de la salvación para el hombre de hoy. San Pablo, Madrid, 1998.
- FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. Paulinas, São Paulo, SP, 2013.

¹⁷ Este ponto parece-me de suma importância para nós e mereceria um estudo a parte, buscando a compreensão deste processo de formação constante, a exemplo dos apóstolos, tão apreciado pelo Fundador.

¹⁸ Cf. MIER, Francisco de, *op.cit*, p.98.

LADARIA, Luis Francisco. *Jesucristo, salvación de todos*. San Pablo-Comillas, Madrid, 2007.

LA PEÑA, Juan Luis Ruiz de. *Criação, Graça, Salvação*. Loyola, São Paulo, SP, 1998.

QUEIRUGA, Andrés Torres. *A revelação de Deus na realização humana*. Paulus, São Paulo, SP, 1995.

_____. *Recuperar a Salvação*. Por uma interpretação libertadora da experiência cristã. Paulus, São Paulo, SP, 1999.

SEGUNDO, Juan Luis. *Libertação da Teologia*. Loyola, São Paulo, SP, 1983.

_____. *O Dogma que Liberta*. Fé, Revelação e Magistério Dogmático. Paulinas, São Paulo, SP, 1991.

_____. *Que mundo? Que homem? Que Deus?* Aproximações entre ciência, filosofia e teologia. Paulinas, São Paulo, SP, 1995.